

A TRANSMUTAÇÃO DO "HOMO SAPIENS EM HOMO FABER" A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE EM HANS JONAS

**José Luis Sepúlveda Ferriz¹, Adriana Freire Pereira Ferriz²,
Luziana Ramalho Ribeiro³**

¹Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Filosofia e Ciências Sociais/Faculdade Católica de Campina Grande-PB, Rua Manoel Aires de Queiroz, 82, Malvinas, Campina Grande-PB, sepul_alonso@hotmail.com

²Universidade Federal da Paraíba/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rua Manoel Aires de Queiroz, 82, Malvinas, Campina Grande-PB, adriana_jua@yahoo.com.br

³Universidade Federal da Paraíba/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rua Severino Muniz Maia, 20, Jardim paulistano, Campina Grande-PB, luzianarr@yahoo.com.br

Resumo - O homem sempre se entendeu o centro do universo, portanto, todas as éticas existentes até agora tinham um caráter marcadamente "antropocêntrico". Hans Jonas quer demonstrar que com o avanço da tecnologia na era moderna, a partir dos tempos de Bacon, as premissas de uma ética antropocêntrica já não são mais válidas. Mudança de ações humanas implica mudança de ética. Ele apela para uma nova ética: a ética da responsabilidade. Agir de tal maneira que os efeitos de nossas ações sejam compatíveis com a permanência de autêntica vida humana sobre a terra. Somos intimados a gerar uma nova civilização planetária, a qual leve em consideração apenas um único e essencial princípio: a Vida.

Palavras-chave: Ética; Responsabilidade; Natureza; Poder; Liberdade.

Área do Conhecimento: VII Ciências Humanas

Introdução

O presente trabalho é uma reflexão sobre a principal obra do filósofo alemão contemporâneo **Hans Jonas**. Mostra a trajetória intelectual de Jonas até o resgate da ética da responsabilidade. O Princípio da Responsabilidade é uma avaliação extremamente crítica da ciência moderna e de seu braço armado, a tecnologia. O filósofo alemão mostra a necessidade do ser humano de agir com humildade e cautela diante do extremo poder transformador da tecnociência. A partir deste enfoque de Jonas se faz necessário uma recondução do debate ético atual. Daí que a nova ética de Hans Jonas inclua todas as questões da **Bioética e Ecoética**.

O trabalho tem dois objetivos: dar a conhecer a pessoa, a trajetória e o pensamento deste grande filósofo. Infelizmente pouco conhecido e aproveitado em nossa sociedade moderna; a partir do princípio de responsabilidade proposto por Jonas, abrir uma "discussão" sobre alguns temas de valorização ética, pertinentes aos tempos que vivemos.

Metodologia

Este é um trabalho teórico científico que apresenta os fundamentos da ética da responsabilidade a partir de uma retomada crítica desde as éticas clássicas até Kant e a paradoxal situação da intervenção da tecnociência no âmbito da vida humana e extra-humana com suas presentes e futuras conseqüências. É uma crítica à tecnociência e sua implicação ética atual. Uma primeira versão do trabalho foi apresentado no VI Encontro Interinstitucional de Filosofia, em Recife, nos dias 27 a 29 de maio de 2008, com o título: A Responsabilidade como princípio para uma ética de relação entre o ser humano e a natureza.

Discussão

Novo Paradigma Ético: O Princípio da Responsabilidade

As bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki em 1945 e suas conseqüências foram, no entender de Hans Jonas, o que "*pôs em marcha o pensamento em direção a um novo tipo de questionamento, amadurecido pelo perigo que representa para nós próprios o nosso poder, o poder do Homem sobre a Natureza*" (JONAS,

2006, p.19). Percebeu também que, além do choque agudo sofrido, se iniciaria uma grave crise crônica e gradual decorrente do perigo crescente dos riscos do progresso da tecnociência e se uso perverso.

Kant dizia: *“Age de tal modo que possas querer também que a tua máxima se converta em lei universal”* (JONAS, 2006, p.47). Esta é a fórmula básica do imperativo categórico. Para Kant os imperativos categóricos são os imperativos morais. Portanto, apenas aquele que age por puro dever age moralmente, em definitiva, agir por respeito ao dever. Encontramos-nos com um tipo de moral antropocêntrica subjetiva.

Hans Jonas apresenta imperativos para o novo tipo de ações em reflexão (JONAS, 2006, p.49): *“Age de tal modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência duma vida humana autêntica na Terra”* ou *“Age de tal modo que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a futura possibilidade dessa Vida”* ou *“Inclui na tua eleição presente, como objeto do teu querer, a futura integridade do Homem”* ou *“Não ponhas em perigo, as condições da continuidade indefinida da Humanidade na Terra”*.

Hans Jonas propõe como “guia de reflexão ética” o próprio perigo que se prevê, possíveis desfechos no futuro, antecipação do impacto planetário, que podem ter conseqüências gravíssimas e de fato já se estão vendo tais conseqüências. Apenas sabemos **o que** está em jogo quando sabemos **quem** está em jogo. E o que está em jogo é o destino do homem, o conceito que possuímos dele, a sobrevivência física da Humanidade e do planeta, a integridade de sua essência. Tudo isto nos leva forçosamente a pensar no conceito de responsabilidade, elemento central desta nova ética.

A tremenda vulnerabilidade da natureza submetida à intervenção tecnológica do homem mostra uma situação inusitada, pois nada menos que toda a biosfera do planeta torna-se passível de ser alterada, o que torna imprescindível considerar que não somente o bem humano deve ser almejado, mas também o de toda a natureza extra humana. Em suma, pela técnica, o homem tornou-se perigoso para o próprio homem, e isso ocorre na medida em que ele põe em perigo os grandes equilíbrios cósmicos e biológicos que constituem os alicerces vitais da humanidade. A preservação da vida sempre teve um custo, todavia, com o homem e a mulher modernos, esse custo, esse preço a ser pago pode ser a destruição total. De maneira proporcional ao incremento da periculosidade do homem, cresce em importância sua responsabilidade como tutor de todas as formas de vida.

Diante de um poder tão extraordinário de transformação estamos desprovidos de regras

moderadoras para ordenar as ações humanas. Esse enorme desajuste somente poderá ser corrigido, no entendimento de Jonas, pela formulação de uma nova Ética. Esta nova Ética além de **responsabilidade**, exige **sabedoria, conhecimento e humildade**.

A inevitável dimensão universal da tecnologia moderna faz com que se reduza cada vez mais a distância saudável entre os desejos quotidianos e os fins últimos, entre as ocasiões de exercer a prudência usual e de exercer uma sabedoria iluminada. Dado que atualmente vivemos sob um utopismo incorporado em nós, automático, exige-se uma maior **sabedoria** na decisão e na ação. Por outro lado, e assumindo que não se detém o saber preditivo, reconhece-se a nossa ignorância acerca das conseqüências das ações humanas, designadamente do foro ético. Assim, é exigido **conhecimento** (com apoio científico inclusive), pois a nova ética deverá ser uma “ética informada” e exigente quanto às suas fontes. É recomendado que o novo paradigma integre a vigilância do nosso desmesurado poder, sua monitorização e atualização de conhecimentos... Só assim procederá a orientações dotadas de propriedade e adequação. Por último, podemos acrescentar a solicitude duma nova classe de **humildade**, não devida a nossa insignificância, mas devido à excessiva magnitude do poder da técnica ao serviço do Homem, ou seja, desproporção entre capacidade de fazer relativamente à capacidade de prever e valorizar ou julgar. Com palavras de Jonas: *“A ignorância das conseqüências últimas será em si mesma uma razão suficiente para a moderação responsável, que implicará o exercício da sabedoria e a necessidade da humildade”* (JONAS, 2006. p. 78).

Numa estrada que se bifurca é o caminhante que detém a opção de escolha. Os rumos são diversos, assim como o destino final. Uma vereda pode terminar num precipício, enquanto outra numa fonte de águas cristalinas. Assim, parece ocorrer com a tecnologia moderna que vai apresentando-nos bifurcações cada vez mais numerosas. É justamente nesses pontos de bifurcação que se impõe a questão da escolha que, quase sempre, ganha contornos apropriados através de uma decisão ética.

A responsabilidade de cada ser humano para consigo mesmo é indissociável daquela que se deve ter em relação a todos os demais. Trata-se de uma solidariedade que o liga a todos os homens e à natureza que o cerca. Parece, portanto, evidente que a resultante final dessa reflexão busque atender também o universal, já que a tecnologia hodierna permite ações transformadoras num espectro que vai do genoma humano ao plano cósmico.

O que caracteriza o imperativo de Hans

Jonas é a sua **orientação para o futuro**, especialmente para as gerações futuras: “*não temos direito de escolher ou de arriscar a não existência de gerações futuras*” (JONAS, 2006, p.69). E o que há de mais perecível que a vida desviada para a morte pela inconseqüente intervenção do homem? Ante a essa possibilidade escatológica da morte substituindo a vida, compreende-se porque esse futuro longínquo é o lugar de um temor específico para o qual Jonas introduz a figura da “heurística do temor”. Um temor que tem por objetivo eventuais perigos que ameaçam a humanidade no plano de sua permanência e sobrevivência. Emblemáticos são os perigos que afetam o ecossistema dentro do qual se desenvolvem as atividades humanas ou aqueles que resultam das manipulações biológicas aplicadas à reprodução humana ou à identidade genética de espécie humana ou ainda, a intervenção química ou cirúrgica sobre o comportamento do homem. Como também a experiência da guerra, as investigações espaciais, os grandes laboratórios industriais,... Imagina-se que os males que afligem a sociedade humana podem sempre ter uma solução proporcionada pela ciência. Funda-se, então a crença de que se pode com **a ciência prescindir dos valores**, o que passa a ser então um novo sistema de valores.

A responsabilidade é na ética. A articulação entre duas realidades, uma objetiva e outra subjetiva. Sujeito e ação. A ordem ética está presente não como realidade visível, mas como um apelo previdente que pede calma, prudência e equilíbrio. A esta nova ordem Hans Jonas dá o nome de princípio da responsabilidade.

A Natureza modificada pelo agir humano

E a questão da Natureza. Como foi tratada ao longo da História da Humanidade? Qual é o papel da Natureza na sociedade pós-moderna? A cada período da História, seu contexto político, social, cultural, científico e filosófico, convém revisar a História para nos revisarmos enquanto Humanidade. Eis o caminho da compreensão à procura do nosso sentido.

Pré-Modernidade

A civilização e intervenção na Natureza caminham juntas desde sempre. Não obstante o homem não causava dano algum quando se atrevia em investidas nos reinos maiores do mar, céu e terra. A Natureza mantinha-se intata. A atuação sobre os objetos não-humanos não constituía um âmbito de relevância ética. De relevância ética era o envolvimento do homem com o homem (ética antropocêntrica), no momento e contexto ou habitat social. A ética

debruçava-se sobre o aqui e o agora, com as situações que se apresentavam entre os cidadãos, com as repetidas e típicas situações da vida pública e privada: ética próxima. O homem bom era aquele que agia com virtude e sabedoria, segundo os princípios da honra, justiça e caridade.

Modernidade

A ciência moderna nasceu nos séculos XVI-XVII na Europa. Entre os fatores culturais, ideológicos, sociais, econômicos podemos anunciar é que o pensamento e a especulação deviam desembocar na prática e o critério do saber se tornava fundamental. Prevalencia o sentido utilitarista e a perspectiva de obtenção de tecnologia progressivamente avançada. Procuravam-se leis universais demonstráveis e um pensamento alicerçado na razão.

Seguiu-se o Século das Luzes ou período do Iluminismo. Deu-se a emancipação da ciência. O racionalismo e empirismo davam as coordenadas para as reflexões do Iluminismo. A Humanidade aprendera como era o universo. Agora descobriu que não necessitava de tutores para pensar e, desde então, todo o pensamento partia da dúvida para buscar a Razão que os explicasse. O pensamento começa a democratizar-se e as enciclopédias serviam de documentos para organizar as últimas descobertas e de suporte para quem não tinha, mas tempo a perder com especulações metafísicas.

Os pensadores do séc. XVIII se revelavam contra as trevas da ignorância, da superstição e do despotismo. No plano político, defendiam-se as liberdades individuais e os direitos do cidadão contra o autoritarismo e abuso de poder.

Com tantas descobertas científicas nas áreas da física, química e matemática, foi possível acontecer a Revolução Industrial (séc. XIX). Iniciou-se então o exercício pleno da autonomia científica e o grande reinado das máquinas. A indústria moderna concentrou e multiplicou os meios de produção para acelerar o rendimento. As máquinas substituíram a força muscular.

Surgiram novas questões resultantes do crescimento industrial, relacionadas com o impacto ambiental (poluição, exploração das fontes energéticas, criação de grandes áreas agrícolas, crescente urbanização, entre outras) e ao impacto social (exploração do proletariado, sobre dimensionamento das cidades, acumulação de população em subúrbios, aumento das desigualdades sociais, novos problemas de saúde pública, entre outros).

Pós-Modernidade

Caminhando para o séc. XX, a Humanidade tornou-se testemunha constante das maravilhas da ciência. Acelerou-se o processo de descobertas e invenções, e estas cada vez mais passaram a fazer parte da vida de cada indivíduo.

Na física, destacam-se as grandes descobertas acerca do átomo, que permitiu chegar à energia nuclear e à bomba atômica. Na área de biologia, a estrutura das proteínas, o estudo da insulina e hemoglobina, estabelecimento do código genético e do DNA, foram cruciais para o surgimento da chamada biotecnologia moderna. Aquisições mais recentes como computador, telecomunicações, redes de transporte, internet, clonagem, missões espaciais... Entre outras, permitem suspeitar que já nada seja impossível à Humanidade. É inegável que a ciência e a tecnologia trouxeram grandes conquistas e mais-valias para o homem.

Contudo, a Natureza tem sido tão convocada para responder às solicitações humanas que começou a esgotar-se progressivamente, constituindo-se o séc. XX como o auge de atuação e sofrimento da Natureza. Podemos recordar: as experiências nucleares e uso de bombas; os detritos nucleares das centrais nucleares (Chernobyl); a poluição maciça do ar; destruição da camada de ozônio, com o conseqüente efeito estufa, degelo dos glaciais, alteração das correntes oceânicas e pressão sobre os ecossistemas; a desflorestação do planeta; sobre-exploração dos solos; contaminação das águas; desaparecimento definitivo de espécies animais, vegetais e outras; manipulação e adulteração de alimentos por ação transgênica, pesticidas, aditivos industriais; construção de ambientes vitais cada vez mais artificiais.

A nossa ação introduziu a ambivalência e até desfiguração. O êxito de atingir o máximo domínio sobre as coisas e sobre os próprios homens é visto como a realização máxima do destino do homem: "homo faber mais que homo sapiens"... Como se essa fosse a missão da Humanidade.

Conclusão

Hoje estamos entrando num novo paradigma. Quer dizer, está emergindo uma nova forma de dialogação com a totalidade dos seres e de suas relações. Evidentemente continua o paradigma clássico das ciências com seus famosos dualismos como a divisão do mundo entre material e espiritual, separação entre natureza e cultura, entre o ser humano e o mundo, razão e emoção, feminino e masculino, Deus e mundo e a atomização dos saberes

científicos.

Mas apesar disso tudo, em razão da crise atual, está se desenvolvendo uma nova sensibilização para com o planeta como um todo. Daqui surgem novos valores, novos sonhos, novos comportamentos, assumidos por um número cada vez maior de pessoas e comunidades.

A razão instrumental não é a única forma de uso de nossa capacidade de inteligência. Junto al *logos* (razão) está o *eros* (vida e paixão), o *pathos* (afetividade e sensibilidade) e o *daimon* (a voz interior da natureza). Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade. Conhecer é entrar em comunhão com as coisas. Por isso bem dizia Santo Agostinho: "nós conhecemos à medida que amamos".

Na base dessa nova percepção sente-se a necessidade de uma utilização nova da ciência e da técnica com a natureza, em favor da natureza e jamais contra a natureza. Hans Jonas propõe essa nova perspectiva a partir do princípio da responsabilidade entre os seres humanos e dos humanos com a natureza. Assim o novo paradigma começa a fazer sua história.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Petrópolis (RJ): Ed. Sextante, 2004.
- JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade*. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC - Rio, 2006.
- _____. *O princípio vida: Fundamentos para uma biologia filosófica*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.
- MARCONDES-JAPIASSÚ. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006
- SIQUEIRA, José Eduardo de. *Hans Jonas e a ética da responsabilidade*: www.unopar.br; acessado em 10//3/08